

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



Instituto Cultural  
Cidade Viva

denominação  
**Fazenda Bom Sucesso (Barão do Rio do Ouro)**

código  
**AIV - FO2 - P5**

localização  
**Estrada Coronel Mariano de Paiva, s/nº**

município  
**Paraíba do Sul**

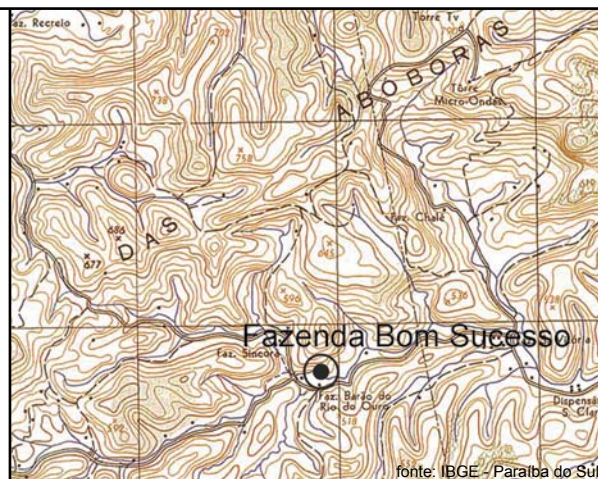
época de construção  
**séc. XIX**

detalhamento do estado de conservação  
**no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Paraíba do Sul

## situação e ambiência

A casa-sede está implantada oblíqua à estrada de acesso às Fazendas Sincorá e Santa Clara, encoberta por bambuzal plantado, margeando boa parte da cerca que delimita a área da fazenda.



01



02



03

coordenador / data  
equipe  
histórico

**Domingos Espíndola de Aguiar - nov 2007**  
**Elomir Gumiero de Moraes e Saulo**  
**Adriano Novaes**

revisão / data  
**Alberto Taveira - abr 2008**



A construção da casa-sede está completamente abandonada, em processo acelerado de ruína, com vegetação invadindo os cômodos de fundos onde não há mais pisos, forros, portas e janelas. Algumas paredes internas ainda mantêm emboço / reboco.

Por trás da casa-sede há um curso d'água cortando a propriedade e a frente e as laterais estão tomadas por vegetação rasteira, além de algumas árvores espalhadas por onde poderia ter sido o terreiro de café.



04

Casa térrea sobre porão, em ruínas, cuja conformação estilística atrelam-na ao gosto romântico, mais precisamente à vertente *challet* deste. Possui estruturação funcional que indica, em planta, a forma de um "U", com os corpos fronteiro e laterais dispostos à volta de um pátio central, aos fundos.

Segundo o proprietário da Fazenda Sincorá, sua fazenda foi construída pelo Barão do Rio do Ouro e presenteada a uma de suas filhas. Na Sincorá os beirais são em forro de madeira arrematados por lambrequins. Provavelmente, assim o era neste *challet*, de mesmas características.

As janelas apresentam externamente duas folhas em venezianas de madeira e, internamente, duas folhas com bandeira em vidro. As portas, em duas folhas emolduradas por cercaduras de madeira, apresentam-se com bandeiras de vidro.

Apesar do péssimo estado, ainda vislumbram-se alguns elementos decorativos e ornatos a destacar, como os vestígios dos paramentos em madeira do alpendre; os lambrequins; partes do de emboço / reboco imitando tijolos de adobe; bem como as aberturas para ventilação ao tímpano do frontão, com desenho geométrico de trevos quadrifólios.

Como elementos atípicos à edificação poderíamos citar, talvez, a ruína do portal em arco com bandeira como acesso aos fundos e o emboço / reboco, remanescente, imitando as paredes de adobe.

A leitura dos elementos construtivos ficou prejudicada pela ausência de referenciais precisos em uma construção do século XIX, em ruínas. Entretanto, ficou claro que o embasamento é feito em pedra e as paredes de vedação em tijolos maciços de adobe.

Os vãos em verga reta, com estrutura de madeira e bandeira fixas, apontam para o gosto neoclássico e o telhado, do tipo *challet* e com telhas cerâmicas francesas, para o romântico. Reforça este último o refinado gosto na decoração interna, com desenhos pintados em cores e tendo, na sala de fundos, pinturas anedóticas do famoso Villaronga, retratando o Barão do Rio do Ouro em caçadas, na outrora exuberante mata nativa da região, numa tentativa de criar mitos e lendas, também uma característica de perfil do romantismo.



06



07



08



09



10





11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27





29



30



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40

Através das ruínas de fundos, percebe-se que as fundações são de pedra revestidas por emboço / reboco e que sofreram intervenções em uma reforma inacabada, que expôs as pedras à ação das intempéries e de prováveis vandalismos. No que resta do emboço/reboco frontal e lateral, há manchas de umidade ascendente.

Nas paredes de vedação, o mais grave problema registrado foi a retirada do emboço / reboco de praticamente todas as paredes externas, com a aplicação de chapisco de cimento e areia. Foi notada, também, a substituição de estruturas internas de madeira por vigas de concreto, além da retirada do emboço / reboco com pinturas decorativas.

Na cobertura, a reforma da casa-sede paralisada, segundo informações, há mais de sete anos, mas, que, entretanto, consertou parte do telhado e estancou possíveis problemas na cobertura por infiltração de umidade descendente. Não há presença de umidade nas paredes internas de onde se vislumbram as belas pinturas de Villalonga, não ocorrendo, até ao momento, danos significativos por umidade e ataques de insetos xilófagos.

As condições gerais da estrutura de madeira, no que se detecta nas paredes de vedação, construídas sobre embasamento de pedra e constituídas por tijolos cerâmicos de adobe (como aparecem, percebe-se na varanda frontal e nas ruínas de fundos), a madeira fora utilizada no engradamento do telhado, nas vergas sobre os vãos de portas e nas janelas, substituídas nas paredes em ruína, não havendo como precisar sua utilização nas paredes com pintura decorativa.



41



42



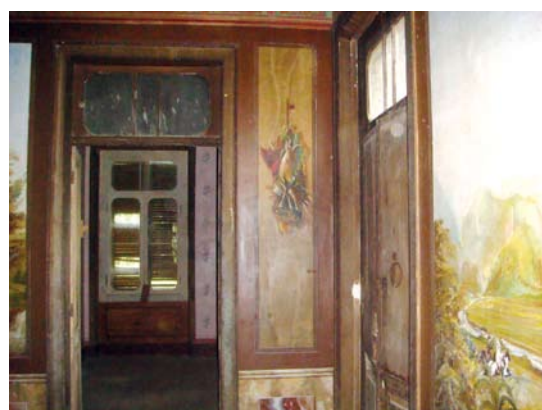
43



44



45



46

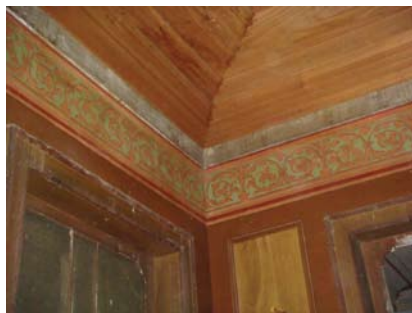


47



48





49



50



51



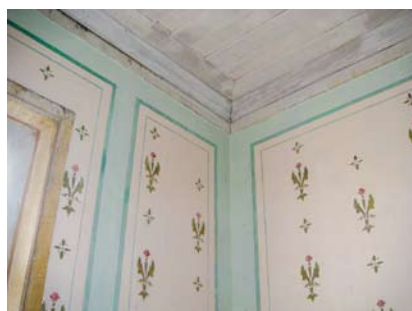
52



53



54



55



56



57



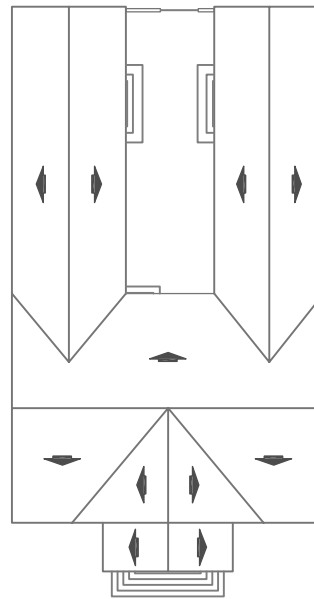
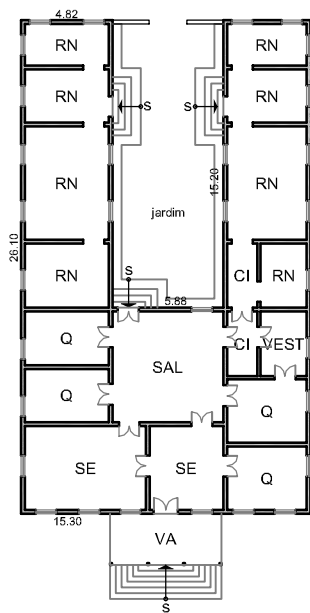
58

Observações:

1. As paredes do Salão exibem pinturas atribuídas a Villaronga, que retratam as cenas de caça do então Barão do Rio Branco;

2. As áreas identificadas como arruinadas não apresentam pisos, forros e portas. Os requadros das esquadrias também encontram-se bastante avariados;

3. Apesar do estado precário de conservação da casa-sede, as pinturas encontram-se em bom estado de conservação.



**1** FAZENDA BOM SUCESSO  
Planta Baixa da Sede - Térreo escala: 1/400

**2** Planta Baixa da Sede - Cobertura escala: 1/400

CI - circulação      SAL - salão      RN - área arruinada      VEST - vestíbulo      alvenaria existente  
Q - quarto      SE - sala de estar      VA - varanda

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIV - F02 - PS

**1/1**

equipe:  
Equipe técnica do INEPAC

desenhista:  
Elomir Gumiero de Moraes

revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
nov 2007



Supõe-se que esta fazenda foi resultado do desmembramento de terras adquiridas na primeira metade do século XIX por Inácio Pereira Nunes.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Inhaúma, Inácio Pereira Nunes foi de fato um dos pioneiros na cultura do café em terras de Paraíba do Sul. Não sabe ao certo quando teria chegado à região, mas, em princípios do século XIX, com certeza já se encontrava na região.

Inicialmente foi proprietário de uma fazenda de subsistência e olaria na localidade de Inema. Com o tempo foi adquirindo várias outras fazendas em pura mata. Inácio também exercia a atividade de usurário, inclusive, tornando-se senhor de diversas fazendas através da execução de bens hipotecados a ele.

Tinha preferência pelas terras da Serra das Abóboras, nas vertentes do Rio Paraíba do Sul. Suas primeiras propriedades nesta região foram os sítios Água Limpa e Serra, havidos por compra da viúva de José Fernandes dos Santos.

Quando da Revolução em Minas Gerais no ano de 1842, prestou em sua Fazenda da Cachoeira grande auxílio à tropa legal de Caxias, ali baseada antes da tomada de Paraibuna. Por esse motivo, foi condecorado pelo Imperador D. Pedro II com a Comenda da Ordem de Cristo. Desde então, passou a ser conhecido por Comendador Inácio Pereira Nunes.

Segundo o grande historiador Pedro Gomes da Silva, o Comendador Pereira Nunes enriqueceu rapidamente com o café, possuindo cerca de 1.000 escravos. Tinha também quase 300 bestas de carga, que faziam o percurso de suas fazendas até ao Porto de Estrela, levando gêneros de toda a espécie, toucinho e café. Na volta vinham com o sal, sabão e ferramentas necessárias à lavoura. Ele reservou para tratamento dos animais de carga uma fazenda inteira, a do Sossego, nas imediações do pico culminante da Serra das Abóboras, a pedra Monte Cristo.

Tamanha era a quantidade de terras “adquiridas” ao longo dos anos, que, ao falecer, em 28 de março de 1857, deixou uma fazenda para cada filho, todas com mais de 100 alqueires de terras, e grande parte ainda em pura mata virgem. As fazendas originadas em suas terras foram as seguintes: Cachoeira, Caxambu, Santa Tereza, Sossego, Retiro, Fortaleza, Independência, Água-Limpa, Santo André, Serra, Santo Elias, Santa Vitória, Bom Sucesso e Barreira.

Para seu filho Brás, havido do seu segundo matrimônio, com Leocádia Borges de Araújo, deixou a Fazenda Bom Sucesso. Dentre os filhos do Comendador Inácio, Brás foi quem mais se destacou pelo dinamismo e projeção social alcançada em Paraíba do Sul. Era formado em Ciências Políticas por São Paulo. Em 24 de março de 1881, foi agraciado com o título de Barão do Rio do Ouro, por interferência do Conselheiro José Antonio Saraiva, amigo dos tempos de academia.

O Barão do Rio do Ouro não se casou e levava uma vida cercada de prazeres. Teve diversos filhos com suas mucamas e gostava imensamente de caçadas. Dado confirmado através dos belos painéis parietais pintados na sala de jantar de sua Fazenda Bom Sucesso, onde são retratadas diversas cenas de caça.

O belo chalé construído para sede da fazenda do Barão do Rio do Ouro, foi sem dúvida nenhuma construído no final do século XIX. Um fato curioso sobre esta construção são os três medalhões colocados no alto, em cada face do chalé, com as seguintes inscrições: “1881 – Barão Rio do Ouro”, e uma coroa de barão por cima dos escritos. Tal medalhão fez com que a fazenda de nome “Bom Sucesso” passasse a ser conhecida por todos por “Fazenda Barão do Rio do Ouro”.

Não se sabe ainda quem, depois da morte Barão do Rio do Ouro, possuiu esta propriedade. No século XX, esta fazenda foi propriedade de Raymundo Machado, o mesmo proprietário da vizinha fazenda Santa Vitória, onde residia.